

# A Casa da Minha Avó

Lúcio Alcântara \*

Na casa da minha avó a saudade  
é um velho relógio na parede. Parado.  
O pêndulo hirto à hora morta provoca  
lembranças e fantasias.

No quintal da casa da minha avó o tronco  
do velho tamarindo tem os nós da vida.  
Dos ramos pendem frutos  
Agridoces como a minha memória.

Na cozinha da casa da minha avó  
havia uma usina de fé.  
Mãos fervorosas preparavam  
a massa de trigo;  
A negra velha manejava hábil  
tenazes em brasa imprimindo  
no pão o selo de Deus, matriz  
do corpo de Cristo, como ensina  
a crença imemorial.

Na casa da minha avó comia-se  
na sala avarandada.  
No beiral a calha recolhe  
a água que lava as telhas velhas.  
Na boca da cisterna o pano de  
Morim retém o limo das telhas  
e a crosta da memória.

---

\* Médico. Membro da Academia Cearense de Letras. Publicou: O Beato, o Devoto e o Soldado (1996); Inquietações que me fazem escrever (1986); Um médico vê o homem (1976); Sinos da consciência (1975); Um compromisso interior (1973).

Na mesa austera da casa da minha avó  
não havia *madeleines*,  
mas a coalhada no  
prato fundo é puro Proust.

No chão da sala da casa da minha avó  
sobre o fundo vermelho dos ladrilhos há  
rosáceas brancas.  
Ideogramas da memória,  
Idênticos, despertam  
Distintas emoções.

Na casa da minha avó o vento  
na cumeeira alta ecoa  
o ruído inconfundível da chuva  
e dispensa a polifonia humana.  
Da rede o olho fixo e insone  
do menino conta telhas e carneiros  
para chamar o sono que tarda.

Na casa da minha avó o requinte  
está no soalho e no forro  
de madeira da "casa nova".  
Madrugada, a mão invisível e santa  
do Padre Romualdo rangia  
os ferrolhos das portas.

Da parede da casa da minha avó  
já não pendem os retratos dos filhos  
- aliás, já não há filhos.  
No silêncio da eternidade  
ela sussurra aos quatro  
recomendações de todas  
as mães.

Na casa da minha avó a cadeira  
de vime era o trono do meu  
avô para um instante de prosa na calçada.  
Na noite calorenta a conversa  
mole fluía em torno dele sem  
compromisso com o tempo.

Na fachada da casa da minha avó jacarés  
de zinco apontam em ângulo reto.  
Da boca imóvel escorre  
a linfa dos invernos,  
carregando a inocência  
da minha infância.

Na sala da casa da minha avó a flor  
vulgar de plástico no jarro barato  
sobre a mesa  
de centro diz que já não há  
a casa da minha avó.